

O desafio chinês

Javier Santiso e Eduardo Lora

Por que a China vende mais produtos tecnologicamente avançados aos Estados Unidos que o México? Este fato pode surpreender se considerarmos que o México tem vantagens comparativas avassaladoras.

Os mexicanos têm todas as chances de ganhar, pela proximidade geográfica, a familiaridade com a cultura e, comparativamente, com a maior disponibilidade de trabalhadores qualificados. Por que então a enxurrada de produtos de alto valor agregado provém agora de Xangai e de outros portos do Leste da China e não do sul do Rio Grande?

De acordo com a sabedoria convencional, a chave seria o baixo custo salarial chinês. É verdade que é quatro vezes inferior ao da América Latina, México incluído. Apesar disso, com salários que crescem em torno de 8% ano após ano, a competitividade chinesa deveria diminuir, não aumentar. Será preciso buscar as causas reais no aumento da produtividade, que contribui em mais de seis pontos percentuais para o crescimento industrial chinês e menos de um ponto para o mexicano. Parte do segredo do vôo do dragão asiático está na velocidade na qual as suas empresas assimilam novas tecnologias. Esta capacidade, porém, tampouco esgota toda a resposta: as empresas mexicanas demonstraram ser tão capazes quanto as chinesas durante a década de 1990.

Outros fatores pesam a favor da China. Os trabalhadores se deslocam mais rapidamente de regiões e indústrias decadentes rumo às mais dinâmicas, e as diferenças de produtividade entre umas e outras são muito maiores.

À medida que se renovam tecnologicamente para responder às demandas mutantes de mercados mais atraentes, as empresas exportadoras contam também com muitos outros mercados, nos quais podem vender os produtos mais consolidados. As empresas chinesas estão melhor integradas com os provedores de outros países, nos quais podem praticar "outsourcing" (produção de insumos no exterior) para reduzir custos de produção.

Muitas destas companhias chinesas que exportam tecnologia, na verdade, são empresas estrangeiras estabelecidas no país: em 2006, quase 60% das exportações chinesas procediam destas empresas e todos os maiores exportadores estão nos segmentos tecnológicos. Embora o acesso ao crédito na China seja bem pouco transparente, ele nunca falta às empresas bem-sucedidas que contam com a benção estatal. Bem mais importante ainda, o Estado chinês dedica cerca de 10% do PIB anual a investimentos em infra-estrutura portuária, rodoviária, comunicações e eletricidade.

O México, por sua vez, enfrenta graves limitações para aproveitar os canais potenciais de transformação e renovação industrial. A proximidade com os Estados Unidos se transformou numa faca de dois gumes. Suas exportações estão tão voltadas para este país que não dispõem de válvulas de escape para as mudanças nos padrões de demanda ou na dinâmica deste mercado. Igualmente, o país não tratou de desenvolver laços de produção integrada com outros países, nem sequer com os Estados ao Sul do país.

O investimento em infra-estrutura, de uma média de menos de 1,5% do PIB desde os meados da década de 1990, foi insuficiente para integrar o país e para amenizar os custos da eletricidade e das telecomunicações. O aparecimento e a expansão das empresas de pequeno e médio porte estão entorpecidos pela falta de crédito, ainda que as de grande porte possam se beneficiar de um sofisticado mercado de capitais inexistente na China.

Na década de 1990, as exportações de manufaturados mexicanos representaram o único caso latino-americano de sucesso comparável ao da China. A partir do Tratado de Livre Comércio (TLC) com os Estados Unidos, a geografia econômica do México se transformou. As atividades industriais se deslocaram dos centros de consumo interno, como a Cidade do México, para aproximar-se dos grandes corredores rodoviários e da fronteira com o maior mercado do mundo.

Quase dois terços do crescimento das exportações se concentraram nos quatro Estados do Norte. Diferente do que havia ocorrido antes do TLC, as desigualdades salariais nos Estados mais integrados à economia global se reduziram, ainda que as diferenças de renda entre estes Estados e as regiões pobres do Sul tenham se ampliado. O processo de transformação industrial e regional do México perdeu força a partir do ano 2000. Desde então, as exportações industriais passaram de um crescimento anual de 17% na segunda metade da década de 1990 para apenas 2% na década atual (muito acima das variações nos preços).

As pessoas que haviam se acostumado com o progresso agora estão desiludidas, e as que aspiravam subir no trem da modernidade estão mais ressentidas do que nunca. O país está dividido social e ideologicamente. O novo governo de Felipe Calderón está obrigado a alcançar resultados rapidamente, num ambiente muito saudável sob a ótica macroeconômica, porém encurralado em parte por este desafio chinês (como se pode concluir no livro editado por Javier Santiso, "The visible hand of China in Latin América", Paris, OECD Development Series, 2007).

O México não detém o monopólio destes desafios. Vários países andinos e da América Central conseguiram ou estão em vias de obter acordos de livre comércio com os Estados Unidos. Como demonstra a experiência mexicana, esse estímulo pode ser passageiro. Não basta ter uma economia sólida. É preciso, além disso, ampliar as fontes de crédito, investir pesadamente em infra-estrutura e continuar aumentando a produtividade.

O México, apesar disso, possui uma boa mão, um "ás de ouro" em seu jogo: a proximidade com a maior economia do planeta. Para evitar que lhe arrebatem o jogo, precisa se dotar de infra-estruturas mais eficientes. Portos, aeroportos, ferrovias, rodovias, tecnologias de logística, além de investir em seu capital humano.

Para estes projetos caros, também poderia contar com aliados europeus que gerariam outra enxurrada de investimentos: o mercado mexicano é, sem dúvida, um dos mais atraentes para os grandes grupos de infra-estrutura europeus, sejam eles espanhóis, franceses, italianos ou alemães. O desafio chinês não é uma fatalidade de forma alguma e, sim, uma oportunidade para acordar e continuar avançando.

Disponível em: <<http://www.mre.gov.br>>. Acesso em 30 mar. 2007